



Cavaco Silva escreveu um artigo no jornal *Público* uma semana depois de aparecer no 41.º Congresso do PSD.

Crítica às "contas certas". Cavaco Silva entrou na campanha eleitoral

ANTECIPAÇÃO Os economistas João Duque e Ricardo Paes Mamede desmontam as intenções do antigo Presidente da República ao publicar um artigo no *Público* sobre a "armadilha" de Costa.

TEXTO VÍTOR MOITA CORDEIRO

Cavaco Silva entrou na campanha eleitoral. Entrou com os dois pés", explica ao DN o professor catedrático de economia no ISEG João Duque, quando questionado sobre se o artigo que o antigo Presidente da República assinou ontem no jornal *Público*, intitulado "Contas certas", a armadilha para iludir os portugueses, é uma missiva para preparar as eleições legislativas convocadas para março de 2024.

"Ele entrou ativamente na campanha eleitoral", insiste João Duque, acrescentando que não sabe "se é muito bom". "Porque nestas coisas há sempre anticorpos, que depois vão ser levantados. O Governo vai aproveitar e vai tentar unir a esquerda em torno desta antipatia em relação a Cavaco, que a esquerda nutre", sustenta o economista.

Aníbal Cavaco Silva, no *Público*, enquanto tenta prescrever uma tendência que deve regular o Orçamento do Estado para 2024 (OE2024), deixa uma série de críticas ao Executivo liderado por Antó-

nio Costa. O antigo Chefe de Estado, partindo de um *slogan* que o Governo utilizou várias vezes para justificar as decisões que tomou em matérias orçamentais – "contas certas" –, acusa o Executivo de "desviar as atenções e abafar as consequências negativas da sua política", apontando exemplos, como "o desperdício dos dinheiros públicos, evidenciado pelo crescimento acentuado da despesa pública, enquanto se assiste à degradação da qualidade dos serviços públicos prestados aos cidadãos". Para além disto, Cavaco defende que "a armadilha das 'contas certas' foi também uma tentativa de esconder a incompetência e a baixa qualidade moral de alguns ministros".

"O que Cavaco está a tentar fazer é tornar o PSD – porque há indiscutivelmente a associação de Cavaco ao PSD – um partido mais ativo na litigância para-eleitoral, para retirar a visibilidade e aquela exuberância do Chega", analisa João Duque, aprofundando a ideia de que há uma antecipação da batalha pelas legislativas de 2024. "É a fazer

lembrar àqueles que, potencialmente desencantados, aborrecidos, não sei o quê, com a situação, vão votar no Chega", propõe o economista sobre "pessoas de mais idade" que votavam em Cavaco Silva e que, ao vê-lo "agora a voltar e assumir-se tão PSD, se calhar vão dar pela última vez um 'benefício' ao partido.

"O que Cavaco está a tentar fazer é tornar o PSD (...) um partido mais ativo na litigância para-eleitoral, para retirar a visibilidade e aquela exuberância do Chega", diz o economista João Duque.

"Agora, isso é uma jogada que, para mim, não tem a mínima dúvida. O Cavaco entrou na campanha porque já tinha ido ao Congresso do PSD. Ele aparece e agora faz este artigo. Ele não tem necessidade nenhuma de escrever um artigo destes. Faz este artigo agora e vamos ver se não é o primeiro de uma série deles. Porque, agora, cada uma das frases dele pode ser tema para um artigo específico. Ele agora podia todas as semanas começar a escrever um artigo para os jornais", sugere o economista.

Sob uma perspetiva económica, "o que Cavaco Silva propõe é um modelo em que alguém externo ao Governo, e portanto a partidário, deveria definir o saldo para que então o Governo propusesse a repartição de despesas dentro daquele saldo", sublinha João Duque, explicando, porém, que "isso não existe.

Portanto, neste momento, é da inteira responsabilidade do Governo, não só a repartição da despesa dentro do Orçamento, como o também o próprio saldo. Naturalmente que, primeiro, quer o saldo, quer a repartição da despesa são crítica-

veis, confirma o professor de economia.

Cavaco Silva, no texto referido, recupera artigos dos economistas Daniel Bessa e Ricardo Paes Mamede, recordando que "a expressão 'contas certas' é qualificada (por eles) de insólita, absurda, vazia e equívoca".

Ao DN, o professor de economia no ISCTE Ricardo Paes Mamede esclarece que "aquilo que se chama contas certas é um esforço excessivo de contenção orçamental que acaba por ter impactos negativos nos serviços públicos". No entanto, especificamente sobre o artigo do antigo Presidente da República, o economista defende que "é um texto apenas de combate partidário, nem sequer é político", por Cavaco Silva viver "muito frustrado com a ideia de que o PS ocupa o espaço do PSD na defesa da contenção orçamental". Portanto, na perspetiva de Paes Mamede, "essa frustração faz com que faça este ataque. Porque, na verdade, se nós tentarmos perceber do artigo de Cavaco Silva que é que ele efetivamente defende, a única coisa que resta é, sim, uma ideia mais ou menos vaga de que deve ser uma decisão técnica o nível de saldo orçamental adequado, que é uma ideia um bocadinho extravagante", analisa. "Eu gostaria era de ouvir Cavaco Silva explicar o que é que acha que deviam ser os saldos orçamentais que houve nos últimos anos. Acha que deviam ser melhores, acha que deviam ser menores? Nós não conseguimos perceber isto do artigo dele. A única coisa que conseguimos perceber é o questionamento das contas certas", conclui o economista.

O líder parlamentar do PS, Eurico Brilhante Dias, reagiu ontem no Facebook ao artigo de Cavaco Silva e devolveu-lhe a provocação que o antigo Chefe de Estado dirigiu a alguns ministros socialistas. "Da fraca qualidade moral", escreveu o deputado do PS, criticando que "fingir que não se sabe que o argumento da ausência de contas certas foi usado para cortar salários, pensões, prestações sociais, fazer um enorme aumento de impostos e diminuir o Estado Social, degradando a Escola Pública e o SNS, com números históricos de emigração (...). Tudo porque as contas não batiam certo", remata. "Quem vive do seu salário e da sua pensão sabe bem qual é a 'armadilha'", conclui o deputado.

Também o líder do Chega, André Ventura, reagiu a Cavaco Silva, em declarações aos jornalistas em Lisboa. "Vejo o PSD continuamente preso a esse passado. Está à espera que Pedro Passos Coelho ou está à espera de Aníbal Cavaco Silva, ou quer que Durão Barroso volte, Manuela Ferreira Leite... Quer dizer, é isso que temos para apresentar às pessoas ao fim de oito anos de Governo socialista?", questionou.

vitor.cordeiro@dn.pt